

Mediação Pedagógica em Aulas On-line no 1º Ano do Ensino Fundamental

Pedagogical Mediation in On-line Classes in the 1st Year of Elementary School

ISSN 2177-8310
DOI: 10.18264/eadf.v12i3.1895

Resumo

Este estudo apresenta a utilização do aparelho celular como recurso didático-pedagógico na escola. Tem como cenário o contexto da pandemia do coronavírus da COVID-19, ano de 2021, onde professores se desafiaram em aulas on-line, via aplicativos de mensagens instantâneas, com destaque para o uso do *WhatsApp*. A partir da utilização do aplicativo, desenvolveram-se práticas pedagógicas com a finalidade de reestabelecer a relação professor/aluno, impossibilitada pelo isolamento social e o fechamento das escolas. Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, desenvolvida nesse período, teve por objetivo, investigar como ocorreu a mediação pedagógica nas aulas on-line desenvolvidas pelo aplicativo *WhatsApp*. O estudo desenvolveu-se em uma turma do 1º Ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede municipal de Santana, no estado do Amapá. Adotou-se para coleta de informações, junto à professora, a entrevista semiestruturada e a observação sistematizada das aulas remotas, nos meses de agosto e setembro de 2021, via grupo da turma do *WhatsApp*. Com os alunos, realizou-se uma Roda de Conversa. Nos resultados, constatou-se que o aluno necessita de um acompanhante familiar nas aulas remotas, de forma a auxiliá-lo nas atividades propostas pela professora, visto que, sem isso, os objetivos educacionais ficam comprometidos; além disso, a mediação pedagógica mostrou-se insatisfatória nas práticas docentes no 1º Ano do Ensino Fundamental, dada as condições diversas tanto do professor como dos alunos. Entretanto, conclui-se que há possibilidades para a utilização do *WhatsApp* no 1º Ano do Ensino Fundamental para favorecer o desenvolvimento de novas estratégias de ensino, contribuindo para o ensino e a expansão da sala de aula.

Palavras-chave: Ensino. Práticas pedagógicas. Tecnologias digitais. *WhatsApp*. Mediação pedagógica.

Manoel Maria Silva Negrão^{1*}
Derli Juliano Neuenfeldt²

¹Governo do Estado do Amapá –
Macapá - AP - Brasil

²Universidade do Vale do Taquari –
Lajeado - RS - Brasil

*manoel.negrão@universo.univates.br



Recebido 12/ 07/ 2022
Aceito 05/ 06/ 2023
Publicado 07/ 06/ 2023

COMO CITAR ESTE ARTIGO

ABNT: NEGRÃO, M. M. S.; NEUENFELDT, D. J. Mediação Pedagógica em Aulas On-line no 1º Ano do Ensino Fundamental. *EaD em Foco*, v. 12, n. 3, e1895, 2022. doi: <https://doi.org/10.18264/eadf.v12i3.1895>

Pedagogical Mediation in On-line Classes in the 1st Year of Elementary School

Abstract

This study presents the use of cell phones as a didactic-pedagogical resource at school. It is set against the background of the COVID-19, 2021 coronavirus pandemic, where teachers challenged themselves in on-line classes through instant messaging applications, highlighting the use of WhatsApp. From the use of the application, it was sought to develop pedagogical practices to reestablish the teacher/student relationship, which had become impossible with the social isolation and the school closures. With on-line classes, it lacked pedagogical mediation. In this context, this qualitative research was built with the objective of investigating how the pedagogical mediation occurred in on-line classes developed using the WhatsApp application. The study was carried out with a 1st grade class in a municipal school in Santana, Amapá. To collect information, a semi-structured interview was conducted with the teacher and a systematized observation of the remote classes, in August and September 2021, via the group of the class on WhatsApp. With the students, a Conversation Circle was held. In the findings, it was verified that the student needs a family companion in the remote classes to help him in the activities proposed by the teacher, otherwise the educational goals may not be reached; the pedagogical mediation proved to be unsatisfactory in teaching practices in the 1st grade of elementary school, given the diverse conditions of both the teacher and the students. However, we conclude that there are possibilities for the use of WhatsApp in the 1st Year of Elementary School to favor the development of new teaching strategies, contributing to the teaching and expansion of the classroom.

Keywords: *Teaching. Pedagogical practices. Digital technologies. WhatsApp. Pedagogical mediation.*

1. Introdução

O ambiente educacional brasileiro sofreu alterações com o contexto da pandemia da COVID-19, a partir de março de 2020, onde a principal modificação foi a (re)configuração do tempo e espaço das escolas. Com isso, os professores tiveram de se reinventar a partir das várias possibilidades de estratégias de ensino no intuito de reestabelecer a relação professor/aluno. O ensino presencial passou a ser virtual, suscitando alguns questionamentos: Os requisitos básicos da relação professor/aluno são satisfatórios durante as aulas remotas? A mediação pedagógica é estabelecida nesse formato de ensino virtual? A interação entre os alunos e entre professor e alunos possibilita a construção de conhecimentos?

Com a nova realidade, a legislação educacional para a Educação Básica teve de se adequar às condições impostas pela pandemia, resultando na substituição das aulas presenciais por aulas mediadas pelas tecnologias digitais, enquanto durasse a situação de pandemia do novo coronavírus da COVID-19, porém, sem contemplar o ensino remoto como nova modalidade de ensino, mas como possibilidade de caráter emergencial (BRASIL, 2020).

Diante da pandemia e da alteração do ensino presencial pelo virtual, desenvolveu-se este estudo, que faz parte da pesquisa de mestrado intitulada “O ensino mediado pelo *WhatsApp* no 1º Ano do Ensino

Fundamental: Possibilidades e Limites”, que teve por objetivo, investigar o desenvolvimento das práticas pedagógicas remotas realizadas no primeiro Ano do Ensino Fundamental, no período pandêmico, através do aplicativo *WhatsApp*.

Conforme Hodges *et al.* (2020) o Ensino Remoto Emergencial (ERE), constitui-se de uma alteração do ensino presencial em resposta à situação de crise, decorrente da pandemia da COVID-19. O ERE promoveu ajustes curriculares e práticas pedagógicas específicas, de forma a atender às demandas dos alunos. A solução instaurada, emergencial e pontualmente, ocorreu para possibilitar que não houvesse a descontinuidade no vínculo pedagógico, evitando maiores transtornos à vida escolar do estudante.

Frente aos problemas apresentados, as escolas foram se ajustando para o modelo de ensino remoto. Algumas com utilização de plataformas, como Google Meet, Google *Classroom*, que necessitavam do computador e da conexão à internet e outras fazendo uso de entrega de apostilas. A alternativa da escola pesquisada, neste estudo, foi de utilizar o celular e explorar o aplicativo *WhatsApp*, pois era o que as famílias poderiam dispor naquele momento. Dito isto, esta pesquisa tornou-se relevante, uma vez que apresenta possibilidades de utilização do aplicativo *WhatsApp* como recurso didático-pedagógico, como mediador da relação professor e aluno, ampliando a sala de aula para além do espaço físico da escola.

2. Procedimentos Metodológicos

É uma investigação qualitativa em que o objetivo principal é construir conhecimentos e não somente oferecer opiniões sobre determinado contexto estudado. Fala-se de uma pesquisa que tem a capacidade de gerar ideias, descrição e compreensão do contexto em que os sujeitos entrevistados e observados, construíram significados sobre o ensino, no que diz respeito às aulas remotas mediadas pelo *WhatsApp*, no 1º Ano do Ensino Fundamental.

O estudo foi desenvolvido em uma escola da rede municipal de educação, na cidade de Santana, no Amapá. A pesquisa ocorreu com uma turma do 1º Ano do Ensino Fundamental, onde ingressamos no grupo de *WhatsApp* da turma pesquisada, com os devidos consentimentos da Secretaria Municipal de Educação, da gestão da escola e do professor da turma, a fim de investigar como o ensino remoto era desenvolvido.

Os sujeitos da investigação foram: uma professora do 1º Ano do Ensino Fundamental e 24 alunos. Para a coleta de informações com a professora pesquisada, utilizamos da entrevista semiestruturada e a observação sistematizada das aulas remotas. E com os alunos, fizemos uso de uma Roda de Conversa. Observamos as aulas on-line, pelo grupo da turma do *WhatsApp*, nos meses de agosto e setembro de 2021. Para a Roda de Conversa que, ocorreu depois da observação das aulas remotas, participaram sete alunos, todos integrantes do grupo de *WhatsApp* da turma. Foi realizada a gravação em áudio da entrevista semiestruturada e da Roda de Conversa e, após a gravação, realizamos a transcrição dos áudios para melhor compreensão das falas. Para a Roda de Conversa, selecionamos os alunos com maior participação nas aulas remotas.

As informações obtidas nesta pesquisa foram analisadas e discutidas com base na Metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD) proposta por Moraes e Galiazzi (2016). Conforme os autores, a ATD se refere “a uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com a finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos” (MORAES; GALIAZZI, 2016, p.13).

Através da Metodologia da ATD, passa-se à construção de diferentes tipos de textos, podendo ser descritivos ou interpretativos, dependendo dos objetivos da análise. Utilizamos nesta investigação os dois tipos. Dessa forma,

o processo de análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que os entendimentos emergem a partir de uma sequência de três componentes: a desconstrução dos textos – unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários – a categorização; o captar o emergente - a produção do metatexto (MORAES; GALIAZZI, 2016, p. 34).

O processo de construção e (re)construção de metatextos requer habilidades na escrita, produzindo pontes de interlocução dos conhecimentos empíricos com os conhecimentos teóricos. É um processo de ir e vir, com exercícios de interpretação e produção de conhecimentos constantemente submetidos às críticas e reformulações, possibilitando novas compreensões sobre os fenômenos investigados.

Para desenvolver esta pesquisa, tomamos os devidos cuidados éticos, necessários à investigação com sujeitos humanos, considerando o consentimento informado e a proteção dos sujeitos da pesquisa a qualquer espécie de danos. Para isso, o pesquisador necessita levar em consideração durante a investigação: danos sociais, sigilos e autorizações dos implicados no trabalho.

Nesta pesquisa foi assinado: Termo de Concordância da Direção da Instituição de Ensino, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do docente pesquisado, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais ou Responsáveis dos Estudantes Menores de Idade e Termo de Assentimento dos Estudantes Menores de Idade.

Como forma de considerar o sigilo dos sujeitos pesquisados, adotamos o termo “Professora”, quando diz respeito à professora pesquisada. Para os alunos, adotamos os códigos “A1”, “A2”, “A3” e assim por diante.

Na sequência, expõem-se os resultados, com sua análise, interpretação e discussão, a partir da entrevista, das observações das aulas remotas e da análise da Roda de Conversa, dialogando com os fundamentos teóricos que embasaram esta investigação.

3. Resultados e Discussão

Quando falamos de relação e mediação, não podemos esquecer que não é algo exclusivo do ambiente educacional. Nas diversas situações em que ocorrem as relações sociais que envolvem interação, a mediação é fundamental e necessária. E acompanha o ser humano desde o momento que passou a viver em sociedade, ocasionando necessidades materiais e intelectuais, das mais diversas exigências que o mundo demanda. A fim de suprir suas necessidades materiais e intelectuais, o ser humano necessita agir por meio da interação na sociedade, desenvolvendo instrumentos e signos que possibilitem prover essas necessidades (SILVA; GASPARIN, 2020).

Ao buscarmos a definição de mediação em um dicionário de filosofia, com possibilidades de termos um parâmetro de análise e comparação, veremos: “Mediação (do latim *mediatio*) em um sentido genérico, ação de relacionar duas ou mais coisas, de servir de intermediário ou “ponte”, de permitir a passagem de uma coisa à outra” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 127).

Como se observa na definição acima, a mediação tem o poder de aproximar duas coisas, pessoas, como partes interessadas, que possibilita encontros de diferentes sujeitos por intermédio de algo, mas com a mesma finalidade, com o objetivo de eliminar ou dirimir divergências.

No ambiente escolar, no espaço de sala de aula presencial, é o professor que possibilita a relação entre o aluno e o conhecimento a ser apreendido, através do conteúdo trabalhado. No caso específico desta

pesquisa, esse conteúdo vem por intermédio do celular, via aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Dessa forma, o aluno precisava ser provocado pela ação mediadora do professor.

No período pandêmico, a interação física entre aluno e professor não foi mais possível - o que nos levou a analisar o documento oficial, desenvolvido específico para atividades escolares em tempos de pandemia, da rede de ensino municipal de Santana-AP, que orientou as ações dos professores da Educação Básica, quando afirmava que o docente era responsável por:

Criar e manter rotina de contato com as turmas, pais e responsáveis, via aplicativos de mensagens instantâneas ou outros dispositivos de comunicação à distância, para orientá-los acerca das estratégias de continuidade do currículo escolar definidas pela SEME, no período de regime especial de aulas não presenciais nos níveis, etapas e modalidades da educação básica (SANTANA, 2021, grifo do autor).

Assim, o aplicativo *WhatsApp* adentrou nas escolas para orientar as famílias com relação às estratégias de ensino e como possibilidade de dispositivo pedagógico e de gestão do processo de aprendizagem, para suprir as necessidades excepcionais do período pandêmico, ocorrido de março de 2020 e o ano letivo de 2021, da rede municipal de ensino pesquisada. Como afirma Santos (2019, p. 83), “estar geograficamente disperso não é estar distante, especialmente quando tecnologias digitais vêm proporcionando encontros e diálogos síncronos e assíncronos e instituindo novas possibilidades de presencialidade em rede”.

Uma das grandes inquietações (foram várias) do ensino remoto emergencial diz respeito à intervenção, interação, relação e mediação pedagógica do professor do 1º Ano do Ensino Fundamental com seus alunos, pois, neste nível de ensino, como afirma Rapoport *et al.* (2008),

As atividades do primeiro ano devem ser ricas em recursos simbólicos e exploratórios a fim de aguçar a curiosidade infantil para a busca em aventurar-se pelo mundo do conhecimento científico, algo que ocorrerá gradativamente ao longo do ensino fundamental, cada vez de forma mais complexa. Entretanto, as perguntas infantis, suas curiosidades além de serem escutadas precisam ser respondidas ou, melhor, precisam receber um acolhimento por parte da professora que irá proporcionar situações que auxiliam a criança a construir respostas ou novas questões para suas indagações (RAPOPORT *et al.*, 2008, p. 272).

No 1º Ano do Ensino Fundamental a criança deve ser orientada, estimulada e incentivada a participar das atividades recomendadas em sala de aula, através da interação e mediação proposta pela professora. E, como proceder quando essa sala de aula deixa de ser física e passa a ser virtual? É possível uma mediação pedagógica com alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental através do celular, pelo aplicativo *WhatsApp*?

Nesse contexto, reforçamos a ideia que Neuenfeldt, Neuenfeldt e Negrão (2022) sustentam em seus estudos, de que para a utilização das tecnologias digitais na Educação Infantil e nos Anos Iniciais nas tarefas realizadas em casa, é preciso apoio familiar:

As crianças que permanecem em casa e recebem as atividades enviadas pela escola necessitam ser acompanhadas nesses espaços, respectivamente, por um responsável ou familiar e por um professor. Assim, mesmo que a internet seja um caminho para a ampliação dos conhecimentos, há a necessidade de um mediador (NEUENFELDT; NEUENFELDT; NEGRÃO, 2022, p. 5)

O parecer nº 005/2020, de 28 de abril de 2020, do Conselho Nacional de Educação (CNE), o qual dispõe sobre reorganização do calendário escolar e cálculo das atividades pedagógicas não presenciais em razão da pandemia da COVID-19, quando trata dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental propôs uma interação envolvendo um adulto auxiliando nas atividades remotas:

Nesta etapa, existem dificuldades para acompanhar atividades on-line uma vez que as crianças do primeiro ciclo encontram-se em fase de alfabetização formal, sendo necessária supervisão de adulto para realização de atividades. No entanto, pode haver possibilidades de atividades pedagógicas não presenciais com as crianças desta etapa da educação básica, mesmo considerando a situação mais complexa nos anos iniciais (BRASIL, 2020, p. 11, grifo do autor).

O parecer nº 5 do CNE sugere que durante as aulas remotas, as famílias responsáveis pelas crianças sejam orientadas com roteiros e guias práticos das aulas, para acompanharem as atividades das crianças em casa. O parecer também ressalta que “as soluções propostas pelas redes não devem pressupor que os “mediadores familiares” substituam a atividade profissional do professor” (BRASIL, 2020, p.11). Nas atividades remotas propostas pelo professor, a orientação para os adultos residentes com o aluno, é de intervenção mínima possível nas atividades pedagógicas durante as aulas síncronas pelo grupo do *WhatsApp*. O papel do adulto residente seria o de organizar a rotina diária de estudos do aluno, considerando o local, o espaço, o ambiente e o conforto durante a aula.

Nessa etapa de ensino, mais precisamente a partir do primeiro Ano do Ensino Fundamental, percebe-se uma orientação mais estruturada para desenvolvimento da alfabetização, envolvendo a leitura e a escrita, tornando a criança-criança da Educação Infantil numa criança-estudante do Ensino Fundamental. Neste momento, “[...] segundo se compreende, haveria necessidade de aquisição de habilidades por meio da realização de atividades” (TONIN; MACHADO; DIAS, 2020, p.7).

Em aula remota observada no dia 24 de setembro de 2021, a professora pesquisada, ao encaminhar a atividade do dia, conforme print abaixo, solicita que os alunos realizem a escrita do nome deles de forma completa, conforme Figura 1 a seguir:

Figura 1: Atividade do dia 24 de setembro de 2021

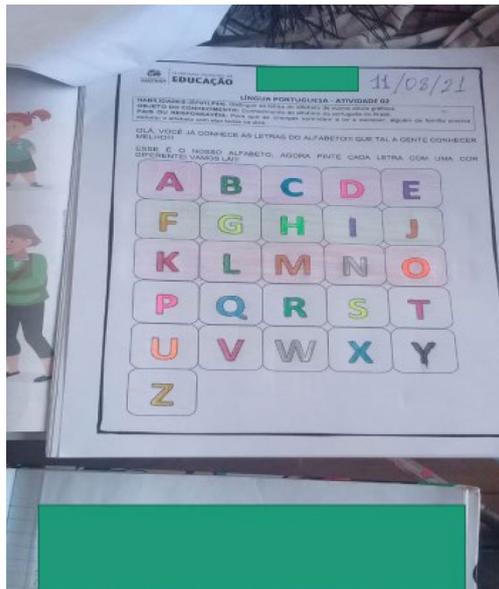


Fonte: Do autor (2021), com base nos dados coletados na pesquisa.

Percebe-se, pelo encaminhamento da aula do dia 24 de setembro, que a professora quer que os estudantes desenvolvam a escrita a partir do nome deles. Essa é uma atividade rotineira das aulas presenciais que a docente pesquisada transpôs, com alguns arranjos para o ensino remoto, pois a distância física fizera com que a mediação pedagógica, tão importante para acompanhar mais de perto seus alunos, ficasse comprometida. Em turmas de primeiro Ano do Ensino Fundamental, é comum ter um espaço físico alfabetizador: com cartazes espalhados pela sala; mural de chamadas com a lista dos nomes das crianças; números, símbolos e quantidades; alfabeto em formatos diferentes e calendário; cantinho da leitura, com revistas, livros, gibis. No ensino remoto pelo celular, esse espaço alfabetizador não existia, o que reforçava a necessidade da presença do “mediador familiar”, aliado desse período de ensino pelo aplicativo *WhatsApp*.

A Figura 2 abaixo, corresponde à aula remota observada no dia 11 de agosto de 2021, na atividade proposta de Língua Portuguesa, em que os alunos foram “apresentados ao alfabeto”, a fim de que pintassem cada letra com uma cor. Essas atividades promoveram habilidades de distinguir as letras do alfabeto de outros sinais gráficos e faziam parte da apostila entregue todo mês aos alunos da turma, pela escola. Percebe-se que no processo de alfabetização encaminhado pela professora, havia uma preocupação com a grafia, procurando identificar relações de fonema-grafema e habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, através de diferentes gêneros textuais.

Figura 2: Atividade de alfabetização e letramento



Fonte: Do autor (2021), com base nos dados coletados na pesquisa.

Nas devolutivas das atividades realizadas sobre a escrita do nome completo, no grupo da turma do *WhatsApp*, evidenciou-se que os alunos conseguiram desenvolver a tarefa proposta pela professora. Em alguns casos, a professora solicitava a presença do aluno na escola, para realizar alguma tarefa similar às apresentadas nas aulas remotas, como forma de verificar presencialmente o desenvolvimento da escrita (nesse caso) ou leitura.

Abaixo é apresentado um *print* de uma atividade realizada em casa, encaminhada via aula remota, observada no dia 16 de agosto de 2021, que demonstrou a possibilidade de realizar tarefas que envolvem a coordenação motora, recorte e pintura, encaminhadas pelo celular. A atividade do dia se desenvolvia a partir de um texto de língua portuguesa que fala sobre “produção de dedoches”, em que se solicitava que o aluno, a partir do livro de língua portuguesa, “recorte”, “desenhe”, “pinte”, “enrole” e “cole”. Ao final, era solicitada a apresentação dos “dedoches” e através da oralidade, que o aluno (a) informasse aos outros colegas que outras brincadeiras poderiam ser realizadas com as mãos.

Figura 3: Atividade sobre produção de “dedoches” e apresentação do aluno sobre “dedoche”

Fonte: Do autor (2021), com base nos dados coletados na pesquisa.

Na devolutiva da atividade sobre a produção de “dedoches”, a aluna da figura acima apresenta a sua tarefa concluída, através de imagem, com isso, percebe-se que os direcionamentos das aulas pelo *WhatsApp*, quando bem orientados pelo professor, possibilitam desenvolver atividades similares ao de uma aula presencial, caracterizando uma prática pedagógica intencional e planejada, promovendo processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Retomando o parecer nº 5/2020 do CNE em suas orientações sobre a utilização das tecnologias de informação e comunicação, nos processos de ensino e aprendizagem, encontramos amparo no Parecer CNE/CEB nº 5, de 7 de maio de 1997, que indica não estabelecer como limites das atividades escolares, aquelas que são meramente do espaço físico de sala de aula. Estas aulas devem se caracterizar por toda atividade planejada e oriunda da proposta pedagógica da escola, com frequência exigível e orientação dos devidos professores, não descuidando de

observar a realidade das redes de ensino e os limites de acesso dos estabelecimentos de ensino e dos estudantes às diversas tecnologias disponíveis, sendo necessário considerar propostas inclusivas e que não reforcem ou aumentem a desigualdade de oportunidades educacionais (BRASIL, 2020, p.8).

Compreende-se que para ocorrer aprendizagem ou o celular ser usado como recurso pedagógico, necessita-se de uma mediação docente. Masetto (2017) entende a mediação pedagógica como atitude, investida do professor como facilitador, incentivador da aprendizagem, que estabelece pontes entre o estudante e seu processo de aprendizagem, não de forma estanque, parada, mas uma ponte que se movimenta de forma ativa e colaborativa com a finalidade do aluno chegar aos seus objetivos. Sem essa postura de mediação intencional, planejada, características da educação formal, as potencialidades da aprendizagem móvel ficam reduzidas.

Algumas características da mediação pedagógica, conforme Masetto (2017):

- Dialogar permanentemente de acordo com o que acontece no momento, instantaneamente;

- Realizar e trocar experiências;
- Apresentar perguntas orientadoras;
- Orientar as carências e dificuldades técnicas quando o aprendiz não consegue encaminhá-las sozinho;
- Propor situações-problema e desafios;
- Colaborar para estabelecer conexões, entrelaçamentos do conhecimento adquirido e os novos conceitos;
- Cooperar e incentivar para que o aprendiz use e domine as novas tecnologias para suas aprendizagens;
- Construir pontes com outras situações análogas;
- Acolher para melhor adaptação do aluno.

A mediação pedagógica é um processo comunicativo, conversacional e de construção de significados, que tem por objetivos abrir um diálogo e facilitá-lo; desenvolver a negociação significativa de processos e conteúdos para serem trabalhados nos ambientes educativos; incentivar a construção de um saber relacional, construído na interação professor/aluno. Isso reforça a afirmação da professora, sujeito desta pesquisa:

A relação professor e aluno nas atividades propostas das turmas remotas, ela se dá de forma proveitosa, porque existe uma interação positiva entre os alunos e professor, entre os pais e professor. O aluno sempre busca mostrar que ele está ativo do lado da tela do celular, na expectativa de realizar a atividade do dia com todo êxito (entrevista, 23/07/2021).

Neste sentido, compreendemos que a mediação só é possível com interação entre as partes, pois, importa envolver os dois polos do sistema educacional – professor e aluno. O professor pode criar situações ou propor ações das mais diversas maneiras; se o aluno não interagir, não se relacionar, não responder às provocações do professor, a interação não ocorre. Do mesmo modo, se na relação com o objeto o sujeito assimilou algo que não o desafiou a modificar seu nível de conhecimento, não ocorreu interação. O objeto não “agiu” sobre o sujeito, no sentido de provocá-lo à mudança, para a construção de novos conhecimentos, como acentuam Valente e Moran (2015).

A mediação pedagógica vai muito além de estabelecer relações de interação para atender às necessidades escolares dos alunos. Vygotski (2007) afirma que o ser humano, ao nascer, encontra-se com um mundo já elaborado; ao mesmo tempo, começa a fazer parte de um mundo em processo de transformação. Para se integrar a esse mundo humanizado, os indivíduos precisam apreender a cultura construída pela sociedade. Essa apropriação da cultura materializar-se-á nas relações sociais que os indivíduos promovem entre seus pares, e que possibilita condições fundamentais para a vida em sociedade.

Desta forma, e como afirma Leontiev (2004), um dos colaboradores de Vygotski, para se tornar humano, o homem precisa apropriar-se do que já foi produzido e da sua cultura, via transmissão de uma geração para outra:

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim aptidões especificamente humanas que se cristalizam, encarnam nesse mundo (LEONTIEV, 2004, p. 283-284).

Quando se desloca esse pensamento para o contexto escolar, percebe-se que a criança vivencia desde a infância, períodos de conflitos, responsabilidades e dependências. A chegada da criança ao primeiro ano do Ensino Fundamental, por exemplo, vindo direto da família ou da pré-escola, pode se constituir em uma fase conflitiva, se não for bem orientada no espaço de sala de aula. Assim, ao ingressar na escola, a vida da criança se reorganiza, alterando seu convívio familiar para o círculo de relações escolares.

Os alunos, participantes deste estudo, quando perguntados na Roda de Conversa sobre o uso do celular nas aulas remotas, reafirmam a posição de comunicação e interação que o dispositivo móvel possui como objetivo:

É legal! muito legal porque a gente entende mais rápido; eu gosto porque eu faço as atividades, e é legal (A1)

A gente aprende; porque aprende rápido(A3)

É muito legal porque a gente aprende mais rápido; é muito divertido (A4)

A gente entende mais rápido (A6)

O existir em uma sociedade de informação e conhecimento possibilita às crianças a integração, ainda na fase infantil, para a utilização de ferramentas adequadas que convertam essas informações em conhecimentos. Nas falas de Moran, Masetto e Behrens (2017, p. 98), “se os alunos fizerem pontes entre o que aprendem intelectualmente e as situações reais, experimentais e profissionais ligadas aos seus estudos, a aprendizagem será mais significativa, viva e enriquecedora”. Colaborando com os autores, Santos (2019, p. 83) afirma que:

as práticas presenciais de educação vêm se apropriando também das tecnologias digitais em rede como extensões da sala de aula, uma vez que são criados e disponibilizados conteúdos e situações de aprendizagem que ampliam os processos educativos para além dos encontros face a face.

No entanto, para fazer a mediação pedagógica com uso das tecnologias digitais, cabe ao professor acompanhar o processo de aprendizagem do aluno, entender esse caminho, o universo cognitivo e afetivo, bem como estabelecer relações para compreender sua cultura, sua história e seu contexto de vida, propondo-se a buscar a clareza da sua intencionalidade - pedagógica e social, para produzir intervenções no processo, que envolvam a docência e a aprendizagem do aluno.

Quando perguntada sobre as diferenças das aulas remotas para as presenciais, a professora pesquisada afirmou:

As diferenças que eu percebo nas aulas remotas para as presenciais é que nas aulas remotas os alunos fazem questão de iniciar e finalizar a atividade para receber a correção e alcançar os incentivos. Nas aulas presenciais, alguns alunos, acabam levando atividade pra finalizar em casa e essa atividade sempre volta incompleta, não finaliza nem na sala e nem em casa e acaba por acumular atividades. Nas aulas remotas, isso não acontece, os alunos sempre iniciam e finalizam a atividade do dia (entrevista, 23/07/2021).

Colaborando com a posição da professora pesquisada, Masetto (2017) percebe que a mediação pedagógica evidencia o aluno e o fortalece como protagonista das atividades escolares, pois promove o aprender. Desta forma, contribui para que o aluno se reconheça como sujeito ativo e participante, possibilitando construir ações que realiza sozinho (autoaprendizagem), com o auxílio do professor e com os seus colegas (interaprendizagem).

Freire (2019, p. 108) afirma que “é imprescindível que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la”. E será desse jeito, desde criança, que teremos alunos assumindo o papel de sujeito de suas ações, produtores de conhecimentos do/no mundo e para o mundo e não apenas receptor do que o professor lhe transfere nas aulas. Fazendo eco de uma escola diferenciada, Tori (2017), olhando para o futuro, prevê:

A escola que vislumbro deve ser não apenas ‘sem distância’, mas também ‘sem limites’. Sem barreiras entre teoria e prática, entre real e virtual, entre presente e distante, entre disciplinas [...] o aluno poderá montar seu cardápio de atividades, poderá escolher quais deseja fazer virtualmente, in loco ou em formato híbrido (TORI, 2017, p. 23).

Essa escola, onde se organizam as atividades curriculares para livre escolha dos alunos, contradiz com o que pensamos para os alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em que seus familiares necessitam intermediar as situações de escolhas curriculares, caso a escola solicite. No entanto, pensar uma escola sem fronteira física, é pensar em possibilidades, é transpor o ambiente de sala de aula pré-estabelecido por muitos anos, é propor a utilização de aplicativos, como *WhatsApp*, por exemplo, como recurso para o ensino.

Quando perguntamos, na Roda de Conversa realizada com os alunos: quando começam as aulas remotas à tarde, fica alguém próximo de vocês – alunos, para ajudar nas atividades do dia? Obtivemos como resposta:

Como a minha mãe trabalhava, o meu pai fica perto, me ajudando a fazer minhas atividades. (A1)

A minha mãe trabalha de manhã e a minha irmã que me ensina, às vezes. (A2)

Minha mãe e minha avó que fica comigo a tarde. Minha tia também. (A4)

Minha tia que fica comigo à tarde nas aulas. (A5)

A partir dos estudos que realizamos e da pesquisa no contexto escolar, considerando as aulas remotas pelo celular no 1º Ano do Ensino Fundamental, apresentamos a figura abaixo para representarmos nossa compreensão sobre a mediação pedagógica:

Figura 4: Mediação pedagógica com o uso da interface do WhatsApp.

Fonte: Elaborada pelos pesquisadores (2022)

Por se tratar de alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental, etapa que apresenta dificuldades para o aluno acompanhar atividades remotas, síncronas, uma vez que são crianças de seis e sete anos, alguns, em fase de alfabetização, necessitarão em casa, de um “mediador familiar”, para auxiliar na realização das atividades planejadas e propostas pelo professor da turma. O professor é o que dá impulso para a mediação ocorrer, mas precisa do “mediador familiar” para se fazer ouvir e ser compreendido pelo aluno. O aluno, centro do processo de ensino, precisa se colocar como ser ativo, participante, pensante, para que, exclusivamente, ocorra o processo de mediação pedagógica.

As atividades escolares retratadas nesta pesquisa foram desenvolvidas por intermédio do celular; desta forma, necessitavam ser mais bem estruturadas. Para desenvolvimento de habilidades básicas do Ciclo de Alfabetização, propõe-se que a família faça uso de roteiros práticos das atividades (entregues pelas escolas) que serão desempenhados na semana de aula, com indicação do componente curricular, página do livro a ser estudado naquele dia e atividade para ser acompanhada em sua resolução pelas crianças. Vale ressaltar que o auxílio do “mediador familiar” não pressupõe, de forma alguma, a substituição do professor, visto que sua atuação nas atividades não presenciais deve ser restrita. Ao professor, cabe orientá-los na organização de uma rotina diária de estudos para a criança, para que, aos poucos, os “mediadores familiares” se retirem, buscando o aluno autônomo.

A mediação pedagógica para as aulas remotas, por intermédio do celular, metaforicamente falando, poderia ser visualizada como uma roda d’água que faz a mediação de um lado para o outro, como espiral – não linear, sendo impulsionada pelo professor através das estratégias de ensino e os conteúdos, passando pelo acompanhamento do adulto/responsável familiar e chegando ao aluno, que não se finda nele, mas, que se realimenta do processo para (re)iniciar um nova mediação.

O papel do professor, por meio do aplicativo *WhatsApp*, não pode se resumir às superficialidades das mensagens instantâneas, mas almejar novas (re)configurações no tempo e espaço das escolas e dos alunos, para ser o diferencial, e não somente uma questão de modernidade. Com o retorno das aulas presenciais, Negrão e Neuenfeldt (2022, p. 11) salientam que:

Na educação não existem respostas simples, é possível ensinar de muitas formas, inclusive da maneira tradicional, somente com aulas expositivas. Podendo afirmar, que não são os recursos tecnológicos que

definem o ensino, são os professores, suas interações nas atividades pedagógicas com os alunos e o uso que fazem das tecnologias, seja por um quadro negro ou um smartphone.

A importância do papel do professor, buscando relacionar suas ações pedagógicas com o contexto social dos alunos, possibilita a convicção de que faz parte de sua prática docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo; daí a importância em se tornar um professor crítico, sem domesticar seus alunos ao texto, mas propondo uma relação entre o que ler e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro (FREIRE, 2019).

4. Considerações Finais

O estudo apresentado, resultado de observações de aulas remotas nos meses de agosto e setembro de 2021 num grupo de *WhatsApp*, entrevista com a professora pesquisada, e coleta de informações por meio da Roda de Conversa com os alunos, em um contexto em tempos de pandemia, possibilitou perceber uma nova reconfiguração para a utilização de espaços e tempos das salas de aula, de forma constante e permanente.

Os dois meses de aulas remotas observadas, desenvolvidas por meio do aplicativo *WhatsApp*, levaram-nos a perceber que a mediação pedagógica é ponto fundamental para as aulas em ambiente de ensino e aprendizagem pelo celular. Essa interação e mediação pedagógica, tanto das aulas presenciais ou remotas, tem o potencial de construir relações de aprendizagem duradouras, colaborativas, rumo a uma educação para a autonomia e o protagonismo infanto-juvenil.

Como a pesquisa foi desenvolvida com alunos de seis anos de idade em uma turma do primeiro Ano do Ensino Fundamental, talvez resida na interação e mediação pedagógica, o elo que aponta para uma melhor compreensão e estudo, quando se faz uso das tecnologias digitais móveis (celular) como recurso pedagógico para alunos nessa faixa etária.

Evidenciou-se que o ensino remoto não pode se limitar à transferência de conteúdos centrados na “pedagogia da transmissão”. O papel do professor, como mediador das práticas pedagógicas, é fundamental para que se desenvolvam estratégias de ensino e metodologias adequadas às aprendizagens significativas.

Percebe-se que o *WhatsApp* na sociedade e sua adequação para as escolas, a partir das informações levantadas na investigação, reforçam a potencialidade do aplicativo e nos levam a pensar sua utilização como recurso pedagógico no 1º Ano do Ensino Fundamental, com capacidade de promover o desenvolvimento de novas estratégias de ensino, possibilitar metodologias inovadoras para a aprendizagem e expansão da sala de aula. Contudo, precisa-se de mais estudos e confirmação numa amostra maior, preferencialmente em diferentes escolas.

As tecnologias digitais móveis e os aplicativos de mensagens instantâneas, com as vantagens que representam sua utilização na educação, demandam permanente formação do professor, devido a ser uma área em que a inovação é ininterrupta, o que pode provocar mudanças nas práticas pedagógicas.

Com o retorno das aulas presenciais, o aplicativo *WhatsApp* pode ser reposicionado, não somente para a comunicação em grupo de turmas, mas, para uma reconfiguração pedagógica que envolva outras estratégias de ensino, inclusive em turmas do 1º Ano do Ensino Fundamental.

Outro ponto a ser considerado dos tempos de ensino remoto emergencial durante a pandemia da COVID-19, para avaliação futura e estudos mais consistentes, é preparar o caminho para uma educação

digital, o que apregoa a BNCC do Ensino Fundamental em suas competências gerais. Mais do que transferir práticas presenciais para o ensino remoto, é necessário desenvolver modelos de ensino e de aprendizagem em rede que incorporem ambientes virtuais, dispositivos móveis, aplicativos, dentre outros.

O estudo apontou também, quando se trata de utilização de tecnologias digitais na educação, garantir a equidade de acesso, assim como os direitos de aprendizagem dos estudantes, são fatores fundamentais para possibilitar a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Direito é conquista! Assim, para que se possa vislumbrar um ensino com o uso das tecnologias digitais, é necessário garantir políticas públicas para atendimento aos professores e estudantes, no que diz respeito à aquisição de dispositivo móvel e acesso à internet.

Biodados e contatos dos autores



NEGRÃO, M. M. S. é professor do Governo do Estado Amapá e Coordenador Pedagógico da Prefeitura Municipal de Santana-AP. Mestre em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari-UNIVATES/RS. Interesse em pesquisa na área de Recursos, Tecnologias e Ferramentas no Ensino. Participa do Projeto de Pesquisa “O Ensinar da Infância a idade adulta: olhares de professores e alunos”, como voluntário.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7179-1490>

E-MAIL: manoel.negrao@universo.univates.br



NEUENFELDT, D. J. é professor nos cursos de graduação em Educação Física e no Programa de Pós-graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Tem doutorado em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari. Tem pesquisado nas áreas da Educação Física escolar, Formação de Professores, TDICs e Educação Ambiental, com destaque para área do Ensino. Participa do Projeto de Pesquisa “O Ensinar da Infância à Idade Adulta: olhares de professores e alunos”.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1875-7226>

E-MAIL: derlijul@univates.br

Referências

- BRASIL. **Parecer CNE/CP Nº 05/2020**, de 28 abr. 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, DF, 2020. Disponível em: Acesso em: 10 de fev. 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2019. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- HODGES, C. *et al.* The difference between emergency remote teaching and On-line Learning. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-on-line-learning#fn1>. Acesso em: 17 abr. 2022.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001. Disponível em: http://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf. Acesso em: 18 maio 2022.

- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- MASETTO, M. Mediação pedagógica e tecnologias de informação e comunicação. In: MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2017. E-book. p. 141-171.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise Textual Discursiva**. 3.ed. Editora Unijuí. Ijuí, 2016.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2017. E-book.
- NEGRÃO, M. M. S.; NEUENFELDT, D. J. O Ensino Mediado pelo WhatsApp: Reflexões sobre a Prática Docente no Ensino Fundamental. **EaD Em Foco**, Rio de Janeiro, RJ, v. 12 n. 1 (2022). Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1672> - Acesso em: 10 maio 2022.
- NEUENFELDT, A. E.; NEUENFELDT, D. J.; NEGRÃO, M. M. S. Tecnologias digitais na educação infantil e anos iniciais: estratégias de ensino. **Dialogia**, São Paulo, SP, n. 40, p. 1-18, p: e20639, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/20639/9479> - Acesso em: 25 fev. 2022.
- RAPOPORT, A. *et al.* Adaptação de crianças ao primeiro ano do Ensino Fundamental. **Educação**, Porto Alegre, RS, v. 31, n. 3, p. 268-273, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/484/3400> - Acesso em: 20 jun. 2022.
- SANTANA (AP). Prefeitura Municipal de Santana. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria de Assuntos Educacionais. Departamento de Ensino e Apoio Técnico Pedagógico. Divisão de Inspeção e Organização Escolar. Departamento de Educação do Campo. **Diretrizes pedagógicas e protocolos de biossegurança para o ano letivo de 2021**. Santana, AP, 21 maio, 2021.
- SANTOS, E. **Pesquisa-Formação na Ciberultura**. EDUFPI. Teresina, 2019. E-book.
- SILVA, G. B. da; GASPARIN, J. L. **A Mediação Pedagógica em Vigotski, Comênio, Herbart, Dewey e Skinner**. Editora Appris. 1. ed. Curitiba, PR: Appris, 2020. E-book.
- TONIN, J.; MACHADO, A. S.; DIAS, P. R. 2020 nas telas: escola on-line para crianças em fase de alfabetização. **Scielo Preprints**. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2684/4696> - Acesso em:10 abr. 2022.
- TORI, R. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. 2. ed. São Paulo, SP: Artesanato Educacional, 2017. E-book.
- VALENTE, J. A.; MORAN, J. M. **Educação a distância**: pontos e contrapontos. São Paulo, SP: Summus, 2015. E-book.
- YVIGOTSKI, L. S. (orgs). **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.